

RAPARIGAS
EM
CHAMAS
C.J. TUDOR

Tradução
Mário Dias Correia

 Planeta

Para o Neil, a Betty e a Doris.
O alto, a bonita e a fofa.

RAPARIGAS EM CHAMAS

De Wikipédia, a enciclopédia livre

Bonecas de gravetos peculiares da aldeia de *Chapel Croft*, no Sussex. Estas bonecas são feitas para celebrar os *Mártires do Sussex* – oito aldeãos que foram queimados na fogueira durante a purga dos *protestantes* ordenada pela *rainha Maria* (1553-8). Dois dos mártires eram raparigas. Estas bonecas são queimadas no decurso de uma cerimónia que se realiza todos os anos no aniversário da purga.

Prólogo

Que género de homem sou eu?

Era uma pergunta que nos últimos tempos fazia a si mesmo com muita frequência.

Sou um homem de Deus. Sou o Seu servo. Faço a Sua vontade.

Mas isso seria o suficiente?

Olhou para a pequena casa caiada de branco. Telhado de colmo, clematites de um roxo brilhante a trepar pelas paredes, banhada na luz esmaecida do Sol do fim do verão. Aves trinavam nas árvores. Abelhas zumbiam preguiçosas à volta dos arbustos.

O mal reside aqui. Aqui, no mais inócuo dos cenários.

Subiu devagar o curto caminho. O medo apertava-lhe o ventre. Era como uma dor física, uma câibra nas entranhas. Ergueu a mão para a porta, mas ela abriu-se antes que pudesse bater.

Oh, obrigada, Deus. Obrigada, Senhor que vieste.

No umbral, a mãe parecia abatida sobre si mesma. Cabelos castanhos escorridos colados ao crânio. Os olhos estavam raiados de sangue e a pele era cinzenta e engelhada.

É este o nosso aspeto quando Satanás nos entra em casa.

Deu um passo para o interior. Tudo fedia. A azedo, a sujo. Como era possível que as coisas tivessem chegado àquele ponto? Olhou para o alto da escada. A escuridão lá em cima parecia espessa de malevolência. Agarrou o corrimão. As pernas recusavam mover-se. Fechou os olhos com força, inspirou fundo.

– Padre?

Sou um homem de Deus.

– Mostre-me.

Começou a subir. No pequeno corredor havia apenas três portas. Um rapaz de rosto flácido, com uma *T-shirt* e uns calções cheios de nódoas, espreitou de uma delas. Quando a figura vestida de negro avançou, o rapaz fechou a porta.

Empurrou a seguinte. O calor e o cheiro atingiram-no com a força de uma entidade física. Tapou a boca com uma mão e tentou não se engasgar.

O lençol estava sujo de sangue e fluidos corporais. Tinham sido atadas amarras a cada um dos postes da cama, mas pendiam soltas. Em cima da enxerga estava aberta uma mala de couro. Fortes correias com fivelas mantinham o conteúdo no lugar: um pesado crucifixo, uma Bíblia, água benta, panos de musselina.

Faltavam duas coisas. Estavam caídas no chão. Um escapelo e uma faca de comprida lâmina serrilhada. Ambos sujos de sangue. Mais sangue tinha formado uma poça à volta do corpo, como uma escura capa vermelha.

Engoliu, a boca tão seca como os campos de verão.

– Santo Deus, que aconteceu aqui?

– Eu disse-lhe. Disse-lhe que o demónio...

– Basta!

Viu qualquer coisa na mesa de cabeceira. Aproximou-se. Uma pequena caixa preta. Observou-a por um instante e então voltou-se para a mãe, que se detivera no umbral. A mulher torceu as mãos e olhou para ele, suplicante.

– Que vamos fazer?

Vamos. Porque aquilo era também com ele.

Ele olhou para o corpo mutilado e ensanguentado no chão.

Que género de homem sou eu?

– Vá buscar panos e lixívia. Já.

WELDON HERALD, QUINTA-FEIRA 24 DE MAIO DE 1990

RAPARIGAS DESAPARECIDAS

A polícia pediu ajuda para encontrar duas adolescentes do Sussex que desapareceram: Merry Lane e Joy Harris. Têm ambas 15 anos e acredita-se que fugiram de casa juntas. Joy foi vista pela última vez numa paragem de camionetas em Henfield na tarde de 12 de maio. Merry desapareceu de sua casa em Chapel Croft uma semana mais tarde, a 19 de maio, depois de ter deixado uma nota.

A polícia não está a tratar estes desaparecimentos como suspeitos mas teme pelo bem-estar das raparigas e exorta-as a entrar em contacto com as famílias.

«Ninguém vos acusa de nada. Os vossos pais estão preocupados. Querem-vos a salvo e podem sempre voltar para casa.»

Joy é descrita como magra, com cerca de um metro e sessenta e cinco, cabelos louros compridos e feições delicadas. Quando foi vista pela última vez vestia uma *T-shirt* cor-de-rosa, *jeans* debotados e ténis *Dunlop Green Flash*.

Merry é também magra, tem um metro e setenta e oito de altura, cabelos escuros e curtos, e da última vez que foi vista vestia um fato de treino cinzento largo e ténis pretos.

Pede-se a quem as vir que contacte a polícia de Weldon através do número 01323 456723 ou ligue para a Crimestoppers para o número 0800 555 111.

Capítulo 1

– É uma situação infeliz.

O bispo John Durkin sorri com um ar benévolo.

Aposto que o bispo John Durkin faz tudo com um ar benévolo, até cagar.

O bispo mais jovem a governar a diocese de North Notts, Durkin é um orador exímio, autor de vários aclamados textos teológicos, e muito me espantaria se não tivesse ao menos tentado caminhar sobre a água.

E é também um grande sacana.

Eu sei. Os colegas sabem. O pessoal da diocese sabe. E penso que, no fundo de si mesmo, ele também sabe.

Infelizmente, ninguém lhe vai chamar sacana. Eu de certeza que não vou. Não hoje. Não enquanto ele tiver nas suas mãos suaves e arrançadas o meu emprego, a minha casa e o meu futuro.

– Uma coisa destas pode abalar a fé da comunidade – continua.

– As pessoas não estão abaladas. Estão zangadas e tristes. Mas não vou permitir que isto destrua tudo o que conseguimos. Não vou abandonar as pessoas agora que mais precisam de mim.

– Mas precisarão? A assistência diminuiu. As aulas foram canceladas. Ouvi dizer que os grupos infantis podem mudar para outra igreja.

– A fita de local do crime e os agentes da polícia encarregar-se-ão disso. Não há muito amor pela polícia nesta comunidade.

– Compreendo...

Não, não compreende. O mais perto que o bispo Durkin alguma vez se aproxima da zona pobre da cidade é quando o motorista se engana a caminho do seu ginásio privado.

– Tenho a certeza de que é apenas uma coisa temporária. Vou conseguir recuperar a confiança deles.

Não digo que tenho de conseguir. Cometi um erro e preciso de corrigir o mal feito.

– Então agora consegue fazer milagres? – Antes que eu possa responder ou argumentar, ele continua num tom suave. – Ouça, Jack, eu sei que fez o que achou ser melhor, mas aproximou-se demasiado.

Recosto-me na minha cadeira, a combater o impulso de cruzar os braços como um adolescente amuado.

– Pensava que era essa a nossa função, criar laços estreitos com a comunidade.

– A nossa função é manter e defender a reputação da Igreja. Atravessamos tempos difíceis. Por todo o lado há templos a fechar. A assistência aos serviços é cada vez menor. Temos uma batalha difícil pela frente mesmo sem esta publicidade negativa.

E é isto que na verdade importa para o Durkin. Os jornais. RP. Nem nas melhores alturas a Igreja tem tido uma boa imprensa e eu meti a pata na poça a sério. Tentei salvar uma rapariga e, em vez disso, condenei-a.

– E então? Quer que resigne?

– De modo nenhum. Seria uma pena alguém do seu *calibre* deixar-nos. – Junta as pontas dos dedos. Sim, é verdade, junta mesmo as pontas dos dedos. – E causaria uma má impressão. Uma admissão de culpa. Precisamos de pensar muito bem no que vamos fazer a seguir.

Não duvido. Sobretudo considerando que nomear-me para aqui foi ideia dele. Eu sou o seu cãozinho premiado. E tenho-me portado bem, devolvi à em tempos dilapidada igreja dos bairros pobres o seu papel de centro da comunidade.

Até àquilo da Ruby.

– O que sugere, então?

– Uma transferência. Para um lugar mais discreto, por uns tempos. Há uma pequena igreja no Sussex que se viu de repente sem ministro.

Chapel Croft. Enquanto não nomeiam um substituto, precisamos de um vigário interino.

Olho para ele, a sentir a terra mover-se debaixo dos meus pés.

– Lamento, mas não é possível. A minha filha faz os exames finais do secundário para o ano. Não posso mudar-me assim sem mais nem menos para a outra ponta do país.

– Já combinei a transferência com o bispo Gordon da diocese de Weldon.

– Fez o quê? Como? A vaga foi anunciada? Com certeza há de haver um candidato local mais adequado...

Ele agita uma mão, a descartar o problema.

– Estávamos a conversar. O seu nome veio à baila. Ele mencionou a vaga. Foi um feliz acaso.

E o Durkin consegue puxar mais cordelinhos do que o raio do Gepeto.

– Tente ver isto pelo lado positivo – diz ele. – É uma parte muito bonita do país. Ar fresco, campos. Uma comunidade pequena e segura. Pode ser bom para si e para a Flo.

– Julgo saber o que é melhor para mim e para a minha filha. A resposta é não.

– Nesse caso deixe-me ser franco, Jack. – Os olhos dele encontram os meus. – Isto não é uma porra de um pedido.

Há uma razão para o Durkin ser o bispo mais jovem a governar a diocese e não tem nada a ver com a sua benevolência.

Cerro os punhos no colo.

– Compreendido.

– Ótimo. Começa para a semana. Não se esqueça de levar as botas de borracha.

Capítulo 2

– Cristo!

– Outra vez a blasfemar.

– Eu sei, mas... – A Flo abana a cabeça. – Que buraco de merda.

Não se engana. Paro o carro e olho para a nossa nova casa. Bem, a nossa casa espiritual. A nossa *verdadeira* casa fica ao lado: uma pequena vivenda que até seria bastante bonita não fora a postura alarmantemente inclinada que lhe dá o ar de estar a preparar-se para se desmoronar sem dar nas vistas, tijolo a tijolo.

A capela é pequena, quadrada e pintada de branco-acinzentado. Não parece nada um local de culto. Não há telhado de abas inclinadas, cruz ou vitrais. Na fachada abrem-se quatro janelas vulgares: duas em cima, duas em baixo. No meio das duas superiores há um relógio. À volta, uma frase escrita numa caligrafia floreada proclama:

«Redimir o Tempo, porque os Dias são Maus.»

Simpático. Infelizmente, o «o» no fim de «tempo» desapareceu e do «m» e do «p» o tempo deixou apenas dois traços verticais que podem, com muito boa vontade, passar por dois «l», de modo que ficou «Redimir o Tell», seja ele quem for.

Apeio-me do carro. O ar húmido cola-me no mesmo instante as roupas à pele. À nossa volta só há campos. A aldeia consiste em cerca de duas dúzias de casas, um *pub*, um armazém e o edifício municipal. Os únicos sons são o canto das aves e o zumbido de uma ou outra abelha. Deixa-me os nervos em franja.

– Muito bem – digo, a forçar um tom positivo e não cheio de medo, como me sinto. – Vamos dar uma vista de olhos ao interior.

– Não vamos ver primeiro a casa onde vamos viver? – pergunta a Flo.

– Primeiro a casa de Deus. Depois a dos seus filhos.

Ela rola os olhos nas órbitas. É todo um comentário a respeito da minha absoluta e cansativa estupidez. Os adolescentes comunicam muita coisa rolando os olhos nas órbitas. E ainda bem, dado que a comunicação oral esbarra com frequência numa parede de tijolos a partir dos quinze anos.

– Além disso – acrescento –, as nossas mobílias continuam presas no trânsito na M25. Pelo menos a capela tem bancos.

A Flo bate com a porta do carro e segue-me de má vontade, a arrastar os pés. Olho para ela: cabelos curtos apanhados num desalinhado carrapito, aro no nariz (pelo qual se bateu ferozmente e que tira para ir à escola) e uma grande *Nikon* quase sempre pendurada ao pescoço. Penso muitas vezes que a minha filha seria uma aposta segura para o papel da Wynona Ryder num *remake* de *Os Fantomas Divertem-se*.

Um comprido caminho vai da estrada até à capela. Junto ao portão, do lado de fora, há uma amolgada caixa de correio metálica. Disseram-me que, se não estivesse ninguém quando chegássemos, era lá que encontraria as chaves. Levanto a tampa, enfio a mão no interior e... bingo. Tiro de lá duas prateadas chaves *Yale*, que devem ser da casa, e uma pesada coisa de ferro preto que parece destinada a abrir a fechadura de qualquer fantasia de Tolkien. Presumo que é a chave da capela.

– Bem, pelo menos podemos entrar – digo.

– Viva! – exclama a Flo. Ignoro-a e empurro o portão. O caminho é íngreme e desigual. De ambos os lados, pedras tumulares inclinadas erguem-se da erva que cresceu demasiado. À esquerda há um monumento mais alto. Um sombrio obelisco cinzento. Junto à base foram deixados o que à primeira vista parecem ser ramos de flores murchas. Um exame mais atento revela que não se trata de flores murchas. São minúsculas bonecas de gravetos.

– O que são essas coisas? – pergunta a Flo, a olhar para elas enquanto pega na máquina fotográfica.

A minha resposta é automática.

– Raparigas em Chamas.

Ela agacha-se para fazer algumas fotografias com a *Nikon*.

– São uma espécie de tradição da aldeia – continuo. – Li a respeito disto na Net. As pessoas fazem-nas para celebrar os Mártires do Sussex.

– Os quê?

– Aldeãos que morreram queimados durante a purga dos protestantes no reinado de Maria I. Duas raparigas foram mortas em frente desta capela.

A minha filha endireita-se com uma careta.

– E as pessoas fazem estas bonecas horríveis para se lembrarem delas?

– E no aniversário da purga queimam-nas.

– Isso é mesmo *muito Blair Witch*.

– É assim o campo. – Lanço um olhar de desprezo às bonecas de gravetos ao passar. – Cheio de tradições «curiosas».

A Flo tira o telemóvel do bolso para fazer mais um par de fotografias, presumivelmente para partilhar com os amigos em Nottingham – *Vejam só o que estes parolos malucos fazem* –, e segue-me.

Chegamos à capela e eu enfio a chave de ferro na fechadura. Está um pouco perra e tenho de a empurrar até ao fundo para conseguir rodá-la. A porta abre-se com um rangido. Sim, um rangido a sério, como um efeito sonoro num filme de terror. Abro-a um pouco mais.

Em contraste com o sol de agosto, o interior da capela é escuro. Os meus olhos precisam de um momento para se adaptar. A luz solar coa-se debilmente pelas encardidas janelas e ilumina uma nuvem de partículas de pó que pairam no ar espesso.

O traçado é invulgar: uma pequena nave, com espaço à justa para meia dúzia de filas de bancos corridos voltados para o altar. De ambos os lados, um estreito lanço de escadas conduz a um balcão onde mais filas de bancos espreitam o que se passa cá em baixo, como num pequeno teatro ou numa arena de gladiadores. Pergunto-me como diabo terá aquilo passado numa inspeção dos bombeiros.

Todo o lugar cheira a estagnado e a abandono, o que é estranho, considerando que era usado com regularidade até poucas semanas antes. Também consegue, como todas as capelas e igrejas, parecer abafado e frio ao mesmo tempo.

Reparo que, ao fundo da nave, uma pequena área foi vedada com duas barreiras amarelas. De uma delas pende um aviso improvisado:

«Perigo. Chão irregular. Lajes soltas.»

– Retiro o que disse – declara a Flo. – É um completo e absoluto buraco de merda.

– Podia ser pior.

– Como?

– Caruncho, humidade, infestação de baratas?

– Vou lá para fora.

Volta-se e sai do edifício.

Não a sigo. É melhor deixar aquilo assentar. Há muito pouco que possa dizer para a consolar. Desenraizei-a da cidade que adora, da escola onde sentia estabilizada, e trouxe-a para um lugar que não tem nada para oferecer exceto campos e o aroma a merda de vaca. Não vai ser fácil conquistá-la.

Olho para o altar de madeira.

– Que faço eu aqui, Senhor?

– Posso ajudar?

Rodo sobre os calcanhares.

Está um homem atrás de mim. Magro e muito pálido, de uma palidez de giz realçada pelos cabelos pretos e oleosos penteados para trás a partir de um pronunciado bico de viúva. Apesar do tempo quente, veste um fato escuro por cima de uma camisa cinzenta sem colarinho. Parece um vampiro a caminho de um clube de jazz.

– Desculpe, nunca antes tinha tido uma resposta direta. – Sorrio e estendo-lhe a mão. – Jack.

Continua a olhar para mim com um ar desconfiado.

– Sou o zelador da igreja. Como entrou aqui?

Compreendo-o. Não estou a usar o meu colarinho branco e provavelmente a única notícia que recebeu foi «Rev. Brooks chega hoje». Claro que poderia ter-me procurado *online*, mas a verdade é que parece ser dos que ainda usam pena e tinteiro.

– Peço desculpa. Jack Brooks. Reverenda Brooks?

Os olhos dele abrem-se um tudo-nada mais. Uma quase impercetível sugestão de cor toca-lhe as faces. Admito, o meu nome causa confusão. Admito, isso diverte-me.

– Oh, céus. Peço desculpa, é que...

– Não é o que esperava.

– Não.

– Mais alta, mais magra, mais bonita?

E então uma voz grita:

– MAMÃ!

Volto-me. A Flo está à porta, muito branca e de olhos esbugalhados.

Os meus alarmes maternais disparam.

– Que se passa?

– Está uma rapariga aqui fora. Está... penso que está ferida. Tens de vir. *Já.*